

O ovo da serpente do 8 de fevereiro

Por Cláudio Magnavita*

As cabeças pensantes do Planalto ficaram preocupadas com os rumos que o Brasil passou a ter neste 8 de fevereiro de 2024. Não que as coisas tenham saído do rumo, já que as investigações precisam ser feitas. Quem errou que pague pelos seus erros. A luz amarela e até vermelha, sem trocadilhos, acendem por um desdobramento inesperado.

■A primeira grande dificuldade é explicar para uma nova geração o que é golpe. Só os grisalhos sabem o que foi o regime militar e as agruras de 1964. Tortura e caserna é algo longe do imaginário popular. O rótulo para justificar a operação neste 8 de fevereiro fica longe da percepção das massas e das novas gerações nascidas e crescidas na democracia.

■O que cola é o clima de uma revanche política que pode cristalizar o eleitorado de direita nos seus 25 a 30%. O brasileiro tende a ser solidário com as vítimas. Questão de índole. A vitimização do bolsonarismo e o sentimento de perseguição é o que vai aflorar. Nesta linha de pensamento, este eleitorado, ao ser cristalizado, deixa de poder ser conquistado.

■Para este eleitor, quem é o maior inimigo do Bolsonarismo hoje? Um doce para quem disse que é o STF, fechado em um espírito de corpo, como nunca esteve. Quem olhar para o horizonte verá que 2026 está ali... bem pertinho. Serão eleitos na próxima rodada 54 senadores. Como todos os partidos lançam candidatos ao Senado, cada cadeira é conquistada com 25 a 30% dos votos. Exatamente a fatia que está sendo cristalizada pelo 8 de fevereiro, como revanche ao 8 de janeiro.

■Na prática, há o partido de Bolsonaro, o partido do judiciário anti-Bolsonaro,

por fim, o partido anti-Supremo. Uma nova questão: quem fará uma aliança com o partido de Bolsonaro e derrotará o partido do judiciário anti-Bolsonaro em 2026, fazendo 30 cadeiras das 54 que estarão em disputa?

■Lula, o Supremo e a Globo terão em 2026 um Senado bolsonarista e pronto para cassar o primeiro ministro do Supremo em toda a história brasileira! É o mesmo Senado que pode perdoar e estabelecer uma nova ordem. Este 8 de fevereiro vai ser o dia do ovo da serpente!

■O maior erro deste 8 de fevereiro foi ter trazido esta crise para classe política. Incluir Valdemar da Costa Neto na operação foi um desatino. Criou um constrangimento desnecessário para uma classe que sabe fazer espírito de corpo. Para azar da operação, o que seria uma busca e apreensão virou prisão inafiançável, não pela arma que possui registro em nome do filho do presidente do PL, que estava vencido. Mas por uma pepita de ouro que foi lhe dada como presente e que custa R\$ 10 mil. Uma lembrança de correligionário — e não do tráfico de ouro. Colocaram na cadeia um senhor de 74 anos que, em 11 de agosto, completa 75 anos, que faz parte parte do cenário político e com amigos na esquerda. Ele esteve preso na Papuda com Zé Dirceu por mais de um ano. Tem relações fraternas com Lula e com o maior partido do país.

■Valdemar é um profissional da política e do diálogo. A comoção em torno do seu nome e a postergação da sua audiência de custódia coloca mais lenha nesta fogueira de vingança.

■Uma pergunta que não quer calar... Existe no Brasil uma justiça militar? Por onde anda o Superior Tribunal Militar?

***Diretor de redação do Correio da Manhã**

PINGA-FOGO

■PROGRAMA DE DOAÇÃO - O deputado estadual Vinicius Cozzolino (PP) apresentou um projeto de lei que propõe a criação de um programa de doação de materiais de construção para vítimas de desastres naturais no estado do Rio de Janeiro, especialmente durante o verão, devido às fortes chuvas.

■Além da doação direta de materiais, a proposta inclui a possibilidade de o Poder Executivo estabelecer uma linha de financiamento, oferecida em condições facilitadas, com taxas de juros subsidiadas. Também prevê parcerias com entidades da sociedade civil e empresas privadas para garantir a eficácia e abrangência das ações. Essa medida visa assegurar um acesso mais amplo aos recursos essenciais para a reconstrução das moradias afetadas.

■TUNINHO E PT - A direção municipal do Partido dos Trabalhadores de Nova Iguaçu vem dando uma clara sinalização de que o nome da legenda na disputa pela sucessão do prefeito Rogério Lisboa (PP), será o do empresário e ex-vereador da cidade, Tuninho da Padaria. No último dia 31 de janeiro, Tuninho esteve reunido com o deputado federal e ex-prefeito de Nova Iguaçu, Lindbergh Farias, e com o deputado estadual Felipinho Ravis (Solidariedade), outro pré-candidato à prefeitura de Nova Iguaçu que, segundo informações de bastidores, não vai abrir mão da disputa pelo cargo de prefeito, contando ou não com o apoio de Rogério Lisboa. Assim como o PT, que também não dá indícios de que deixará de ter uma candidatura própria. Nesta quinta-feira (08), Tuninho publicou em suas redes sociais uma foto com a presidente municipal do PT e ex-vereadora, Professora Marli, com a seguinte legenda: “Vem coisa boa por aí! As conversas seguem animadas pelo fortalecimento do PT na Baixada e, especialmente, Nova Iguaçu”, declarou o empresário.

■REUNIÃO DE GESTÃO - Os gestores do Consórcio Intermunicipal de Saúde da Baixada Fluminense (CISBAF) participaram na última quarta-feira (07), de uma reunião téc-



nica para debater as perspectivas em saúde na região, com foco nos programas e projetos geridos pelo consórcio. A busca de emendas parlamentares federais, através da aprovação do PL 196, também foi discutida, pois trata da transferência de recursos para as regiões por meio de Consórcios Públicos, o que representa um salto nos investimentos em saúde, especialmente na Baixada Fluminense.

■LEI DO AÇO - O ex-deputado estadual Marcelo Cabeleireiro participou de sessão solene de abertura do Ano Legislativo da Alerj (Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro) e se reuniu com diversos parlamentares da base aliada, entre eles, o deputado Rosenverg Reis (MDB) e o secretário geral do União Brasil, Márcio Bruno. Marcelo aproveitou ainda para parabenizar o secretário estadual de Turismo, Gustavo Tutuca, pela Lei 8960/20, que entrou em vigor, atraindo novas empresas para Barra Mansa e todo o

Sul Fluminense, gerando novos empregos. O ex-deputado, que é pré-candidato à Prefeitura de Barra Mansa, é um dos coautores da também conhecida como Lei do Aço. “Me orgulho de ter sido coautor dessa lei, que depois de uma dura batalha judicial, entrou em vigor neste primeiro mês desse ano”, ressaltou Marcelo.

■CAMPANHA EM VASSOURAS - Vereador por dois mandatos, o presidente da Câmara Municipal e vice-prefeito, José Alencar Gomes, está de volta ao cenário político em Vassouras e virá pré-candidato pelo MDB, comandado por Washington Reis, secretário estadual de Transportes no Rio. A pré-candidatura será possível graças ao fim do processo que o tornou inelegível, depois de uma série de denúncias contra ele. Em março do ano passado, José de Alencar obteve as certidões necessárias para disputar o pleito deste ano, que deve ter ainda como pré-candidata a atual vice-prefeita Rosi Farias. Ela vem com

apoio do atual Severino Dias, já no segundo mandato consecutivo, impedido, portanto, de disputar à reeleição.

■SEGURANÇA PRESENTE - Nova Friburgo está pleiteando a instalação do Programa Segurança Presente no município. O prefeito Johnny Maycon esteve no Palácio Guanabara nesta quinta-feira (08) para se reunir com o secretário de Estado de Governo, Bernardo Rossi. O programa é uma demanda da população de Nova Friburgo para o reforço na segurança pública. No final do ano passado, durante a inauguração do Segurança Presente em Petrópolis, cidade vizinha na Região Serrana, o prefeito Johnny Maycon conversou com o Correio da Manhã e ressaltou a importância de fortalecer o turismo entre os municípios vizinhos, que contam com o programa para atendimento da Polícia Militar não só dos moradores, mas também dos visitantes.

Fernando Molica

A caça à baleia da democracia

As investigações da Polícia Federal mostram que Jair Bolsonaro, suspeito de importunar uma baleia jubarte, molestou, melindrou, atormentou, perturbou e feriu algo ainda maior, a democracia brasileira. As provas e evidências recolhidas evidenciam que o então presidente, fiel às posições que sempre defendeu, conspirou de maneira explícita para promover um golpe de Estado.

O material entregue à Procuradoria-Geral da República e ao Supremo Tribunal Federal demonstra também o descomprometimento de parte da elite militar com a soberania popular. As ofensas do general Braga Netto dirigidas a colegas que honraram suas fardas ao recusarem a trama golpista são um ataque à compostura, ao respeito e à lealdade sempre destacadas em notas das Forças Armadas. Um atentado ao pundonor, para usar linguagem castrense.

Acostumados com benesses historicamente conquistadas graças à tutela que exercem na vida brasileira especialmente depois da Proclamação da República, setores importantes das Forças Armadas não abrem mão do poder autoconcedido de definir o que é melhor para o país. Como ressalta o historiador Paulo César Gomes na edição de hoje do Correio Bastidores, militares estiveram presentes em todas as crises político-institucionais da República, algo intolerável em qualquer democracia.

Contaminados por um anti-comunismo que resiste à evidência histórica do fim do comunismo, melindrados com a criação da Comissão da Verdade por Dilma Rousseff, militares resistem até em reconhecer a obviedade da implantação de uma ditadura em 1964: 60 anos depois da deposição do presidente constitucional, a sociedade brasileira ainda é obrigada a conviver com a possibilidade de, a cada 31 de Março, funcionários públicos fardados decidirem se vão ou não emitir notas para comemorar a quebra da legalidade.

Militares conseguiram garantir impunidade aos criminosos que agiram nos porões da ditadura, foram responsáveis pela não apuração do atentado terrorista ao Riocentro (ocorrido depois da anistia) e ainda conquistaram privilégios na Assembleia Nacional Constituinte: impuseram um artigo, o famoso 142, que deixa margem para dúvidas sobre seus limites institucionais.

Embarcaram de cabeça na candidatura presidencial de um ex-captão indisciplinado, que fora obrigado a pedir para sair da carreira militar. Em 1988, editorial do Noticiário do Exército afirmou que Jair Bolsonaro e outro capitão “faltaram com a verdade e macularam a instituição militar” — 30 anos depois, o dito ficou pelo não dito.

Em 2018, aproveitaram a porteira escancarada por tuítes contra Lula publicados pelo então coman-

dante da Força, general Eduardo Villas Bôas, para apoiar Bolsonaro. Na época, alegaram inconformismo com a corrupção — na prática, apenas contra aquela que remetia ao PT.

Ao associar indisposição para o combate à decisão do comandante do Exército, general Freire Gomes, de não entrar na trama golpista, Braga Netto, então candidato a vice-presidente na chapa de Bolsonaro, reiterou um dos graves equívocos do Exército: o de considerar que a luta política é um campo de batalha de verdade.

O então ministro da Defesa, general Paulo Sérgio Nogueira, cometeu a mesma bobagem ao utilizar termos militares — linha de contato, linha de partida — para definir uma disputa que deveria passar longe de suas preocupações. O Brasil, ainda bem, não se envolve há décadas em conflitos bélicos, mas isso não dá aos fardados de ocuparem o tempo livre se metendo onde não devem.

A investigação da PF abre uma oportunidade única para o país discutir o que quer dos militares, que precisam ser subordinados ao poder civil. O desperdício desta oportunidade histórica será algo imperdoável.

Márcio Coimbra*

Perigoso Dragão Vermelho

A grande expansão chinesa pelo mundo possui rumo nítido e objetivos que estão muito além da economia, com claros desdobramentos políticos por onde passa. Esta iniciativa tomou forma muito bem definida pela estratégia da “Nova Rota da Seda” implementada pelo governo de Xi Jinping. O investimento chinês que roda o mundo, entretanto, vem se adequando aos objetivos políticos de Pequim e estes desdobramentos chegaram até a América Latina.

Fato é que o líder chinês possui um tipo de liderança e visão da China diferente de seus antecessores, Hu Jintao e Jiang Zemin, mais cautelosos e menos audazes que Xi Jinping. Em seu governo, o país vem exercendo um imperialismo ativo e contundente, usando a economia como arma de dependência e pressão política no médio e longo prazo. Os países que fizeram a opção pela aliança com Pequim têm agora uma fatura a pagar.

Este movimento está muito claro quando olhamos para a América Latina, que assiste o redirecionamento dos interesses chineses na região. A perda de relevância dos projetos de infraestrutura ocorreu à medida que o foco se modificou para aquilo que é chamada de “nova infraestrutura”, resultando na diminuição dos aportes. Estamos falando de uma mudança profunda de

foco e valor no investimento direto estrangeiro chinês.

Esta nova frente, que necessita de menor investimento, engloba setores como fintechs, telecomunicações e transição energética. Se o investimento anterior supria os gargalos da demanda de commodities para o oriente, agora o objetivo é contribuir em canais críticos para a estratégia de crescimento econômico da China. Uma reprodução pura e simples de um pacto colonial com vistas a fortalecer as musculaturas da metrópole.

Os números deixam isso muito claro. Depois de um financiamento inicial e a criação de uma lógica de dependência política e econômica, o aporte entra em declínio. O investimento direto estrangeiro (IDE) da China na América Latina saiu de US\$ 14,2 bilhões por ano entre 2010 e 2019, caiu para uma média de US\$ 7,7 bilhões de 2020 a 2021 e depois para US\$ 6,4 bilhões em 2022.

A China possui método e vem moldando as economias por onde passa seu investimento com o objetivo de atender suas demandas. Os próximos passos para a América Latina passam pelos investimentos da BYD e GWM focadas na eletrificação da frota brasileira, compra de linhas de transmissão de energia (já vencida pela chinesa State Grid), aqui-

sição de ativos de lítio pela Tianqi Lithium no Chile e expansão da Huawei e outras empresas chinesas na região em data centers, computação em nuvem e tecnologia 5G. Enquanto isso, o México, tornou-se base doméstica de empresas chinesas com objetivo de obter acesso privilegiado ao mercado norte-americano.

O grande dragão vermelho mostrou suas garras e a ressaca econômica proporcionada pela festa de seus investimentos tem sido duríssima para muitas nações. Altas taxas de dívida, vulnerabilidade e dependência. Um sino-fenômeno que ocorreu da Grécia ao Paquistão, passando por Malásia e Gana, chegando até a América Latina. Uma reedição de um perigoso sistema colonial que visa tão somente atender a estratégia de desenvolvimento da China e a visão de mundo autocrática desenhada por Xi Jinping.

***Presidente do Instituto Monitor da Democracia e Conselheiro da Associação Brasileira de Relações Institucionais e Governamentais. Cientista Político, mestre em Ação Política pela Universidad Rey Juan Carlos (2007). Ex-Diretor da Apex-Brasil e do Senado Federal**